

# Políticas Públicas no Brasil: Exploração e Diagnóstico 7

Luciana Pavowski Franco Silvestre  
(Organizadora)



 **Atena**  
Editora

Ano 2018

**Luciana Pavowski Franco Silvestre**  
(Organizadora)

# **Políticas Públicas no Brasil: Exploração e Diagnóstico**

## **7**

**Atena Editora**  
**2018**

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P769 Políticas públicas no Brasil [recurso eletrônico] : exploração e diagnóstico 7 / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Políticas Públicas no Brasil: Exploração e Diagnóstico; v. 7)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-064-3

DOI 10.22533/at.ed.643192201

1. Administração pública – Brasil. 2. Brasil – Política e governo.  
3. Planejamento político. 4. Política pública – Brasil. I. Silvestre,  
Luciana Pavowski Franco. II. Série.

CDD 320.60981

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

O e-book “Políticas Públicas no Brasil: Exploração e Diagnóstico” apresenta 131 artigos organizados em sete volumes com temáticas relacionadas às políticas de saúde, educação, assistência social, trabalho, democracia e políticas sociais, planejamento e gestão pública, bem como, contribuições do serviço social para a formação profissional e atuação nas referidas políticas.

A seleção dos artigos apresentados possibilitam aos leitores o acesso à pesquisas realizadas nas diversas regiões do país, apontando para os avanços e desafios postos no atual contexto social brasileiro, e permitindo ainda a identificação das relações e complementariedades existentes entre a atuação nos diferentes campos das políticas públicas.

Destaca-se a relevância da realização de pesquisas, que tenham como objeto de estudo as políticas públicas, bem como, a disseminação e leitura destas, visando um registro científico do que vem sendo construído coletivamente na sociedade brasileira e que deve ser preservado e fortalecido considerando-se as demandas de proteção social e de qualificação da atuação estatal em conjunto com a sociedade civil em prol da justiça social.

Boa leitura a todos e todas!

Dra. Luciana Pavowski Franco Silvestre

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A CENTRALIDADE DO TRABALHO NA SEGURIDADE SOCIAL BRASILEIRA	
<i>Najila Thomaz de Souza</i>	
<i>Renata Soraia de Paula</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6431922011</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
A INSERÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE: DILEMAS E DESAFIOS IMPOSTOS PELA SOCIEDADE BRASILEIRA	
<i>Francisca Thamires Lima de Sousa</i>	
<i>Leila Moraes Nogueira Azevedo</i>	
<i>Leida Cabral Nascimento Silva</i>	
<i>Ana Karolina Pinheiro Carvalho da Silva</i>	
<i>Thalyne Dutra Falcão</i>	
<i>Maria dos Reis Araújo Souza</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6431922012</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
A PRODUÇÃO DE LEITE NA MICRORREGIÃO DE IMPERATRIZ/MA E AS POSSIBILIDADES DE INSERÇÃO DO CAMPESINATO EM ATIVIDADES MERCANTIS	
<i>Jonatha Farias Carneiro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6431922013</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
CAPITALISMO FLEXÍVEL X DIREITOS TRABALHISTAS	
<i>Veneranda Acosta</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6431922014</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
EXPERIÊNCIAS DE GESTÃO DA DIVERSIDADE SEXUAL NO AMBIENTE DE TRABALHO NO BRASIL: DAS EXPERIÊNCIAS PONTUAIS À FORMAÇÃO DE UM FÓRUM EMPRESARIAL LGBT	
<i>João Bosco Hora Góis</i>	
<i>Kamila Cristina da Silva Teixeira</i>	
<i>Francisco José Mendes Duarte</i>	
<i>João Luis Alves Pinheiro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6431922015</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>59</b>
FINANCEIRIZAÇÃO E DESINDUSTRIALIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DA SITUAÇÃO BRASILEIRA A PARTIR DA DÉCADA DE 1990	
<i>Daniele de Fátima Amorim Silva</i>	
<i>Talita de Sousa Nascimento</i>	
<i>João Carlos Souza Marques</i>	
<i>Jainne Soares Coutinho</i>	
<i>Gianna Beatriz Cantanhede Rocha de Lima</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6431922016</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>72</b>
IDEOLOGIA E CONSCIÊNCIA DE CLASSE: EM BUSCA DO ESTATUTO ONTOLÓGICO	
<i>Cristiane Porfírio de Oliveira do Rio</i> <i>Lenha Aparecida Silva Diógenes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6431922017</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>83</b>
MEDIDAS DE ATIVAÇÃO NOS SISTEMAS DE PROTEÇÃO SOCIAL: RETORNO À ADMINISTRAÇÃO DO MÉRITO?	
<i>Juan Felipe Alves de Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6431922018</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>91</b>
O PROCESSO DE AUTOMAÇÃO E SUA INFLUÊNCIA NO SETOR BANCÁRIO BRASILEIRO: UMA ABORDAGEM A PARTIR DO BANCO DO BRASIL	
<i>Roosevelth Ramos Barroso Carvalho</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6431922019</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>103</b>
OS FUNDAMENTOS ONTOLÓGICOS DO TRABALHO E A COMPREENSÃO DO SERVIÇO SOCIAL	
<i>Joselita Olivia da Silva Monteiro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64319220110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>111</b>
PALMAS, OPORTUNIDADES PARA QUEM? “CONCURSEIROS” EM BUSCA DO SERVIÇO PÚBLICO	
<i>Rute Andrade dos Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64319220111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>125</b>
PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO DE PROFISSIONAIS QUE ATUAM EM STARTUPS EM SÃO LUÍS, MA	
<i>Heitor Natividade Oliveira</i> <i>Carla Vaz dos Santos Ribeiro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64319220112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>142</b>
PRONATEC NO PARÁ: A PERFORMANCE DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL ENTRE O DECLARADO E O CUMPRIDO	
<i>Erbio dos Santos Silva</i> <i>Maria do Socorro Vasconcelos</i> <i>Genilda Teixeira Pereira Amaral</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64319220113</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>156</b>
REDE DE INCUBADORAS DE EMPRESAS NA REGIÃO AMAZÔNICA: DESENVOLVIMENTO E EMPREENDEDORISMO LOCAL NO ESTADO DE RONDÔNIA	
<i>Gabriele Aires da Silva</i> <i>Samuel dos Santos Junio</i> <i>Emi Silva de Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.64319220114</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>168</b>
TRABALHO E QUALIFICAÇÃO NA SOCIEDADE EM REDE <i>Aldo Vieira Ribeiro</i> DOI 10.22533/at.ed.64319220115	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>183</b>

## IDEOLOGIA E CONSCIÊNCIA DE CLASSE: EM BUSCA DO ESTATUTO ONTOLÓGICO

**Cristiane Porfírio de Oliveira do Rio**

Universidade Estadual do Ceará – UECE

Fortaleza – Ceará

**Lenha Aparecida Silva Diógenes**

Universidade Federal do Ceará – UFC

Fortaleza – Ceará

**RESUMO:** O presente texto – parte integrante de nossa pesquisa de Mestrado e de Doutorado, realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará - UFC, a qual se insere no grupo de pesquisa Trabalho, Educação e Luta de Classes do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário – IMO – busca analisar as categorias ideologia e consciência de classe a partir dos estudos teóricos desenvolvidos por Marx e Engels e recuperados por Lukács e Mészáros, compreendendo-assob o fundamento ontológico-prático, refutando, dessa forma, a concepção científico-gnosiológica.

**PALAVRAS CHAVE:** Ideologia; Ontologia Marxiana; Consciência.

**ABSTRACT:** This text - an integral part of our Master's and Doctorate research, carried out in conjunction with the Post-Graduation Program in Brazilian Education of the Federal University of Ceará, which is part of the Research,

Education and Class Struggle research group of the Studies and Research of the Worker Movement - IMO - seeks to analyze the concept of ideology from the theoretical studies developed by Marx and Engels and recovered by Lukács, understanding this concept under the ontological-practical basis, thus refuting the scientific-gnosiological conception

**KEYWORDS:** Ideology; Marxian ontology; Consciousness

### 1 | INTRODUÇÃO

As categorias sociais “ideologia” e “consciência de classe” têm assumido historicamente várias conotações, sendo, portanto, quase sempre alvo de confusão teórica. Não obstante, há dois séculos, no campo da filosofia, o fenômeno ideológico tenha sido analisado pelo prisma gnosiológico, dominado pela teoria do conhecimento, pela lógica e pelo método, ainda não superado totalmente, contrapondo ciência e ideologia, o que tem reprimido o interesse ontológico. Aqui nos reportaremos ao sentido que tais categorias receberam em Marx, Engels, Lukács e Mészáros. Para tanto, nos fundamentaremos nos estudos de Michael Lowy (1997), Mészáros (1993), Tom Bottomore (2001), Ester Vaisman

(1989) e Sérgio Lessa (1996, 1999).

## 2 | A TRAJETÓRIA DA CATEGORIA IDEOLOGIA: BREVE RECUPERAÇÃO HISTÓRICA

Registra Lowy (1997, p. 11-12), marxista estudioso da questão ideológica, o “caminho tortuoso” que tomou o termo ideologia ao longo dos tempos, cunhado pelo filósofo francês Antoine Destruitt de Tracy, discípulo de terceira categoria dos enciclopedistas, para quem na obra publicada, em 1801, intitulada *Eléments d’Idéologie*, entende ser a ideologia um “[...] estudo científico das ideias e as ideias são o resultado da interação entre o organismo vivo e a natureza, o meio ambiente. É, portanto, um subcapítulo da zoologia”. Anos mais tarde (1812), Tracy e seu grupo entram em conflito com Napoleão Bonaparte, que os chama de ideólogos – metafísicos especuladores da realidade.

Conforme o referido autor, Marx encontra o termo ideologia na primeira metade do século XIX, exposto em jornais, revistas e debates, o qual está sendo utilizado no sentido napoleônico, que fará uso com o mesmo significado em 1846 na Ideologia Alemã. Posteriormente, Marx amplia o conceito: “[...] fala das formas ideológicas através das quais os indivíduos tomam consciência da vida real, ou melhor, a sociedade toma consciência da vida real. Ele as enumera como sendo a religião, a filosofia, a moral, o direito, as doutrinas políticas, etc.” (LOWY, 1997, p.12).

Após Marx, seguindo o mesmo, o termo ideologia segue seu itinerário no marxismo, sobretudo na obra de Lênin, quando ganha um novo sentido: “[...] a ideologia como qualquer concepção da realidade social ou política, vinculada aos interesses de certas classes sociais. [...] existe uma ideologia burguesa e uma ideologia proletária” (1997, p. 12).

Karl Mannheim, famoso sociólogo, procura apresentar no seu livro *Ideologia e Utopia* o que ele entende por “ideologia total”, fenômeno que se manifesta de forma distinta: ideologia e utopia, entendendo o primeiro como “[...] conjunto das concepções, idéias, representações, teorias, que se orientam para a [...] reprodução da ordem estabelecida”. Enquanto as utopias são consideradas como “[...] idéias, representações e teorias que aspiram outra realidade [...]. Têm, portanto, uma dimensão crítica ou de negação da ordem social existente e se orientam para a ruptura.” (LOWY, 1997, p. 13).

Lowy (p. 13-14) se apropria do pensamento de Mannheim e reedita seu conceito de ideologia e utopia em “visão social de mundo” que seriam “[...] todos aqueles conjuntos estruturados de valores, representações, ideias e orientações cognitivas. Conjuntos esses unificados por uma perspectiva determinada, por um ponto de vista social, de classes sociais determinadas”.

Conforme esse mesmo autor, a ideologia é elaborada pelas classes sociais, destacando o importante papel dos seus escritores e líderes políticos, uma vez que

são estes quem irão sistematizá-la e formatá-la em teoria/doutrina, visão de mundo, em função dos interesses de sua classe. Lembra ainda Lowy (1997, p. 95), que “[...] as ideologias não se configuram enquanto ideias isoladas, mas um conjunto orgânico que, referindo-se ao termo utilizado por Marx reafirmou tratar-se de ‘uma maneira de pensar’”.

De acordo com esse autor, para o pensamento marxiano não há contradição entre o ponto de vista de classe e o conhecimento científico:

Para Marx, a caracterização de uma teoria como representando o ponto de vista de uma classe determinada não significa necessariamente que essa obra não tenha valor científico. Tanto é que ele distingue em seus escritos econômicos dois tipos de economistas burgueses, que considera completamente diferentes em relação ao valor científico de suas obras: [...] A economia clássica [...] e o que Marx chama de ‘economistas vulgares’. [...] Marx escreve que os clássicos têm interesse científico verdadeiro, eles querem conhecer a verdade científica, enquanto que os ‘vulgares’ [...] procuram satisfazer a demanda dos patrões, seu interesse é publicitário e propagandístico [...]. (LOWY, 1997, p. 97).

Lowy (1997, p. 104) utilizando-se de uma passagem de Marx presente na obra “A Miséria da Filosofia”, ressalta que da mesma forma que a classe dominante tem seus representantes científicos, os economistas, a classe dominada também tem seus teóricos: os socialistas e os comunistas. Desse modo, tenta mostrar que “não existe a ciência pura de um lado, e a ideologia de outro. Existem diferentes pontos de vista científicos que estão vinculados a diferentes pontos de vista de classe.”

Ao ser instigado sobre o verdadeiro “ponto de vista” do proletariado, levando-se em conta a diversidade de concepções presentes no seio do movimento operário, Lowy afirma não ter uma resposta satisfatória, mas tenta elencar algumas pistas explicativas de tais divergências: 1) é inevitável a penetração de ideologias burguesas dentro do movimento operário, dado o peso da ideologia dominante, afirmando que isso sempre aconteceu na história. Porém, atesta o autor, quanto mais a visão de mundo do proletariado for influenciada pela ideologia burguesa, mais distante estará do autêntico ponto de vista do proletariado; 2) a existência do fenômeno da burocracia:

[...] aparecimento nos movimentos operários, nos partidos, nos sindicatos e no Estado, resultante do próprio movimento operário, de uma camada burocrática com interesses próprios, idéias próprias, concepções próprias que, embora esteja vinculada ao movimento operário, vai reformulá-lo em função de sua particularidade, que não é a do conjunto do movimento operário, mas que é específica a essa camada social particular (LOWY, 1997, p. 109);

3) a diferença entre os pontos de vista em relação ao sexo, ressaltando o autor o problema de opressão à mulher; 4) as divergências nascidas no movimento operário como um todo são produtos naturais do processo de conhecimento e de luta:

[...] não se trata necessariamente de uma divergência resultante de influência da burguesia, ou da burocracia, simplesmente podem ser divergências necessárias,

inevitáveis, que fazem mesmo parte do processo da teoria e da prática, e da relação dialética entre teoria e prática (LOWY, 1997, p. 109).

Tom Bottomore (2001, p. 183), estudioso do pensamento marxista, nos informa que o conceito de ideologia de Marx e Engels foi diretamente influenciado por duas vertentes do pensamento crítico: “[...] de um lado, a crítica da religião desenvolvida pelo materialismo francês e por Feuerbach e, de outro, a crítica da epistemologia tradicional e a revalorização da atividade do sujeito realizada pela filosofia alemã da consciência e particularmente por Hegel”.

Para este autor, enquanto essas correntes não conseguiram perceber a relação entre as distorções religiosas ou metafísicas e as condições sociais objetivas daquele período, a crítica de Marx e Engels explicitou

[...] a existência do elo necessário entre formas ‘invertidas’ de consciência e a existência material dos homens [...]. Em consequências disso, desde o início, a noção de ideologia apresenta uma clara conotação negativa e crítica. [...] é negativo porque compreende uma distorção, uma representação errônea das contradições. É restrito porque não abrange todos os tipos de erros e distorções [...]. As distorções ideológicas não podem ser superadas pela crítica, só podem desaparecer quando as contradições que lhes deram origem forem resolvidas na prática. (BOTTOMORE, 2001, p. 183-184).

O autor chama a atenção para a compreensão do conceito de ideologia de Marx, considerando o contexto das várias fases do seu desenvolvimento intelectual – mesmo entendendo não haver uma ruptura epistemológica entre estas – as quais ele divide em três: 1) a primeira fase caracteriza-se pelo debate filosófico em torno do pensamento de Hegel e Feuerbach, quando o termo ideologia ainda não aparece nos seus escritos, mas já eram presentes os elementos materiais do referido conceito na crítica da religião e da concepção hegeliana de Estado, expressas como “inversões” que obscurecem a essência do real; 2) a segunda fase inicia-se, de acordo com o autor, com o rompimento com Feuerbach em 1845 e estende-se até 1857. É o período de elaboração do materialismo histórico. Nesse contexto, o conceito de ideologia é usado pela primeira vez, a idéia de inversão é conservada, não obstante Marx a amplie para abranger a crítica da religião e da filosofia de Hegel que os jovens hegelianos vinham desenvolvendo; 3) a terceira fase, conforme classifica Bottomore, tem início com a redação dos *Grundrisse*, em 1858, e caracteriza-se pela análise das relações sociais capitalistas que culminam em *O Capital*, quando o termo ideologia quase inexistia nesses textos, mas ao mesmo tempo, a análise econômica evidencia a reelaboração do conceito de inversão. Partindo de tais análises, Marx conclui que “a conexão entre ‘consciência invertida’ e ‘realidade invertida’ é mediada por um nível de aparências que é constitutivo da própria realidade” (BOTTOMORE, 2001, p. 184).

Portanto, para Bottomore (2001, p. 185), da crítica da religião à análise das relações sociais capitalistas, há uma perceptível coerência na compreensão de ideologia apresentada por Marx:

A ideia de uma dupla inversão, na consciência e na realidade, é conservada em todos os momentos, embora no fim se torne mais complexa, graças à distinção de um duplo aspecto da realidade no modo de produção capitalista. A ideologia, portanto, conserva sempre a sua conotação crítica e negativa, mas o conceito só se aplica às distorções relacionadas com o ocultamento de uma realidade contraditória e invertida.

Ester Vaisman (1989), estudiosa da categoria ideologia em Lukács, reafirma a origem da palavra ideologia, cunhada por Antoine Destruitt de Tracy, para o qual trazia o indicativo de uma disciplina filosófica que constituiria o fundamento de todas as ciências, melhor dizendo, seria a ciência das ideias, com o firme propósito de evitar as falsas ideias e garantir o progresso da ciência, remetendo-se ao campo da gnosiologia.

No campo do marxismo, de acordo com essa autora, a concepção de ideologia estaria eivada de dois significados,

[...] a questão se apresenta também perspectivada de um modo geral pelo prisma gnosiológico, embora se possa reconhecer a existência de duas tendências distintas, mas que muitas vezes se entrecruzam: uma concebendo a ideologia enquanto superestrutura ideal e a outra tomando o fenômeno enquanto sinônimo de falsa consciência. De qualquer forma, esta última – com honrosas exceções como é o caso de Antônio Gramsci – tem sido colocada como aquela que expressaria rigorosamente a perspectiva de Marx (VAISMAN, 1989, p. 402).

Vaisman (p. 405), nesse mesmo trabalho, tece um breve arrolamento das concepções que tentam interpretar as posições de Marx acerca da ideologia a partir do viés gnosiológico, dando ênfase ao pensamento de Althusser, Barth e Lenk, chegando à conclusão que para esses autores,

[...] o caráter ideológico do pensamento para Marx seria o resultado de contradições sociais geradas pela sociedade de classes, onde as formas de consciência estranhada, as ideologias representam a ilusão necessária, requerida pelo sistema capitalista para sua sobrevivência. Assim, a ideologia seria identificada ao falso socialmente necessário, oposto, conseqüentemente, à ciência, que, por definição, seria a consciência verdadeira.

Apreender o conceito de ideologia marxiano sob o prisma gnosiológico, como fazem os autores acima mencionados por Vaisman, nos parece algo contraditório, se aceitamos a premissa de que o marxismo é fundamentalmente uma ontologia, fundando-se no estudo do ser em sua totalidade.

Desse modo, faz-se mister questionar: se em Marx, a realidade aparece invertida à consciência, logo, o viés gnosiológico no tratamento da questão ideológica (como consciência invertida) não acaba por apelar também à ontologia?

Para que não incorramos numa análise leviana da questão, que nos parece um ponto ainda não de todo resolvido/esclarecido pelo marxismo, contentamo-nos para o momento apenas em problematizá-la, tendo em conta que, se as condições materiais

que demandaram de Marx e Engels a escrever a Ideologia Alemã suscitavam a necessidade da denúncia do falseamento ideológico da realidade, por outro lado, Marx entendia que a própria alienação não é uma questão do campo da subjetividade, mas está colada à própria realidade objetiva, como bem nos lembra suas esclarecedoras palavras na obra supracitada:

Os homens são os produtores de suas representações [...]. A consciência jamais pode ser outra coisa do que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real. E se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecerem invertidos como numa câmara escura, tal fenômeno decorre do seu processo histórico de vida, do mesmo modo por que a inversão dos objetos da retina decorre de seu processo de vida diretamente físico. (MARX e ENGELS, 1999, p. 36-37).

De todo modo, essa é uma questão bastante complexa e merece ser devidamente aprofundada, destarte não seja essa nossa pretensão neste momento.

Lukács, herdeiro da concepção marxiana, rompe radicalmente com a compreensão de ideologia contraposta à ciência, ou seja, com o viés gnosiológico, preocupado em entender o complexo ideológico sob o prisma ontológico.

Nesse sentido, a concepção lukacsiana de ideologia, como bem pontua Vaisman (1989, p. 416), toma como base a compreensão do homem como ser prático, que age a partir de escolhas entre alternativas; “[...] ser que, não sendo abstratamente independente das necessidades que a história lhe coloca, reage a essas necessidades empregando produtos espirituais que são constituídos, de forma não linear, em função dessas mesmas necessidades.”

Portanto, para o pensador húngaro, o fenômeno ideológico, é analisado sob o fundamento ontológico-prático e não científico-gnosiológico, entendendo a ideologia como uma função social e não como falsa consciência, não obstante, a veracidade ou não de uma ideologia não seja desprezível para a história dos homens.

Dito de outro modo, Lukács, conforme esclarece aquela autora, apreende o fenômeno ideológico pela função social que cumpre na realidade e não pelo critério de verdade ou falsidade com que se apresente, pois “[...] muitas formulações da falsa consciência nunca se tornam ideologia, bem como, aquilo que se torna ideologia não é de modo algum necessariamente falsa consciência” (VAISMAN, 1989, p. 421). Dessa forma, o critério gnosiológico nos permite identificar se uma elaboração é falsa ou verdadeira, contudo, não pode determinar se ela poderá assumir ou não uma função ideológica. O que nos permite visualizar tal possibilidade, de acordo com Lukács, é o critério ontológico-prático, isto é, através da função que esta elaboração cumpre na cotidianidade dos homens.

Como assinala Lessa (1999, p. 55-56), estudioso da Ontologia de Lukács, o fenômeno da ideologia corresponde a uma necessidade social concreta, qual seja:

[...] a cada momento as sociedades necessitam ordenar a práxis coletiva dentro de parâmetros compatíveis com a sua reprodução. Para tanto, é preciso uma visão de

mundo que confira sentido à ação de cada indivíduo a todo momento. [...] Por isso todas as formas de ideação, toda produção do espírito humano – mesmo a ciência – podem ser utilizadas como ideologia em determinados momentos históricos.

O exposto até aqui possibilita-nos compreender, que a ideologia é uma forma de teleologia, uma vez que se apresenta como resposta aos problemas enfrentados pelos homens no seu processo de sociabilidade. Enquanto tal, o fenômeno ideológico configura-se no complexo das posições teleológicas secundárias – na relação homem/homem. Sua particularidade constitui-se em ser uma elaboração ideal da realidade, no sentido de tornar consciente e operante a práxis social dos homens. Nas palavras de Lukács (in: Lessa, 1996, p.53), ‘A ideologia [...] [é], acima de tudo, aquela forma de elaboração ideal da realidade que serve para tornar consciente e operante a práxis social dos homens’.

Com o processo de complexificação das relações sociais e o surgimento da sociedade de classes, a ideologia também se complexifica e passa a assumir uma função restrita, política. De acordo com Lessa (1996, p. 54), “[...] a partir desse momento, a ideologia passa a ser também um conjunto de ideias que auxilia os homens a se organizarem para as lutas sociais, para os conflitos de classe”.

Portanto, a ideologia surge e opera no campo delimitado pelas respostas práticas do homem direcionadas à resolução dos problemas enfrentados no bojo do seu processo histórico. Daí, onde quer que existam sociedades, existirão problemas a serem resolvidos, e, a ideologia, como partícipe do complexo da prévia-ideação que visa “dar respostas” estará sempre presente na vida humana, pois existência social e ideologia são inseparáveis.

### **3 | SOBRE A EMERGÊNCIA DA CONSCIÊNCIA DE CLASSE**

Mészáros (1993, p. 76), um dos mais sérios intérpretes da obra marxiana na atualidade, relata que a teorização de Marx quanto às classes sociais, como também, outras partes de sua doutrina, gerou uma ambiguidade básica que tem confundido os seus intérpretes:

[...] de um lado, ele estava muito convicto de que as contradições engendradas pelo capitalismo levariam inevitavelmente a um proletariado com consciência de classe e, daí, a uma revolução proletária. Mas, por outro lado, ele atribuiu à consciência de classe, à ação política e à sua teoria científica da história um papel preponderante na realização desse resultado.

Argumenta este autor, que entender a consciência de classe como mera subjetividade e subproduto do capitalismo é se incorrer a um erro grotesco da concepção marxiana, fato este que ocorre quando se substitui seu complexo dialético por um modelo determinista unilateral.

Mészáros chama a atenção para a complexidade da metodologia dialética de Marx, esclarecendo que, enquanto numa concepção mecanicista há uma demarcação rígida entre o determinado e seus determinantes, na metodologia dialética há que se atentar para as interações complexas, onde os determinantes são também determinados.

Desse modo, as várias manifestações institucionais e intelectuais da vida humana não são simplesmente “constituídas sobre” uma base econômica, mas também estruturam ativamente essa base econômica, através de uma estrutura própria, imensamente intrincada e relativamente autônoma.

Essas “interações complexas”, pensando com o mesmo autor, ocorrem também no campo da consciência, em todas as suas formas de manifestações, determinando de forma recíproca as estruturas econômicas da sociedade e sendo ao mesmo tempo por elas determinada. Dito de outro modo, existência e consciência estão reciprocamente imbricadas.

Para uma devida compreensão do conceito marxiano de consciência de classe, sempre segundo Mészáros, é imprescindível entender, igualmente, a sua concepção de “causalidade social”, do mesmo modo que tal conceito só atinge seu sentido pleno se compreendido como “focos de uma multiplicidade de fenômenos sociais estruturalmente interligados”. Caso contrário, cair-se-á no voluntarismo, no objetivismo, e no aventureirismo. (1993, p. 80).

Enfim, para uma adequada compreensão dos conceitos marxianos de classe e consciência de classe, é necessário o estudo de seu pensamento como um todo, nas palavras de Mészáros (1993, p. 83): “uma análise cujo foco seja o conceito de ‘conflito social e seus determinantes’, avaliados de acordo com a dialética dos determinantes recíprocos”.

Atento à complexa totalidade da concepção marxiana, Mészáros afirma que, de acordo com Marx, a consciência de classe é inseparável do reconhecimento do interesse de classe, tomando como base a posição social real das diferentes classes presentes na estrutura da sociedade.

Para o referido autor, a essência da teoria de classes e da consciência de classes de Marx, reside no conceito de subordinação estrutural necessária do trabalho ao capital na sociedade de mercadorias, quando o interesse de classe do proletariado é definido em termos de mudança dessa subordinação estrutural.

As diferenças qualitativas entre os interesses das classes fundamentais deixam claro o nível de dificuldades de organização e de elevação da consciência de classe por parte dos trabalhadores, uma vez que para a classe dominante,

[...] o auto interesse individual dos membros particulares do grupo dominante está diretamente relacionado ao objetivo geral de retenção da posição privilegiada e estruturalmente dominante que o grupo, como um todo, tem na sociedade. A ‘transcendência do auto interesse individual’ na direção do interesse coletivo da classe é, portanto, uma mera ficção, uma vez que essa ‘transcendência’, na realidade, não significa nada a não ser uma proteção efetiva do puro interesse

Por outro lado, o que ocorre com a classe dominada é bastante diferente:

[...] os interesses a 'curto prazo' dos indivíduos particulares, e mesmo da classe como um todo, em um momento dado, podem estar em oposição radical ao interesse de mudança estrutural 'a longo prazo'. É por isto que Marx pode e tem de apontar a diferença fundamental entre a consciência de classe contingente ou 'psicológica' e a consciência de classe necessária (MÉSZÁROS, 1993, p. 94).

Conforme Mézáros (1993, p.118), a diferença fundamental entre a consciência de classe contingente e a consciência de classe necessária, reside no fato de que:

[...] enquanto a primeira percebe simplesmente alguns aspectos isolados das contradições, a última as compreende em suas inter-relações, isto é, como traços necessários do sistema global do capitalismo. A primeira permanece emaranhada em conflitos locais, mesmo quando a escala da operação é relativamente grande, enquanto a última, ao focalizar a sua atenção sobre o tema estrategicamente central do controle social, preocupa-se com uma solução abrangente, mesmo quando seus objetivos imediatos parecem limitados [...].

O proletariado, portanto, constitui-se de forma contraditória: por um lado, como mera soma total de seus membros individuais é uma contingência sociológica (estratificada e dividida por interesses de classe), dotada de objetivos específicos, poderes e instrumentos mais ou menos limitados para sua efetivação. Por outro lado, o mesmo proletariado é também parte constituinte do antagonismo estrutural da sociedade capitalista.

Conforme Mézáros (1993, p. 95-96), Marx denominou a essa constituição do proletariado, de “contradição entre o ser e a existência do trabalho”, sendo o fator crucial para sua resolução o desenvolvimento de uma consciência de classe adequada ao ser social do trabalho. Nos dizeres do referido autor a consciência de classe do proletariado constitui-se na

[...] consciência do trabalhador de seu ser social enquanto ser enquistado no antagonismo estrutural necessário da sociedade capitalista, em oposição à contingência da consciência de grupo que percebe somente uma parte mais ou menos limitada da confrontação global.

Faz-se importante observar com esse mesmo autor que, o desenvolvimento da consciência de classe não se dá de forma mecânica ou espontânea, é um processo dialético: “o desenvolvimento da consciência de classe é um processo dialético [...] o desenvolvimento 'direto' e 'espontâneo' da consciência de classe proletária – seja sob o impacto de crises econômicas ou como resultado do auto esclarecimento individual – é um sonho utópico” (MÉSZÁROS, 1993, p. 96).

Por fim, conclui Mézáros (1993, p. 107) que, “A autoconsciência da classe em si e para si não pode ser diferente da consciência de sua 'tarefa histórica' de constituição

de uma alternativa histórica real à ordem vigente na sociedade: uma tarefa enraizada nas contradições irreconciliáveis do seu próprio ser histórico-social”.

Marx (1999, p. 36-37), na *Ideologia Alemã*, ao referir-se à consciência, afirmou que:

Os homens são os produtores de suas representações [...] A consciência jamais pode ser outra coisa do que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real. [...] Se a expressão consciente das relações reais destes indivíduos é ilusória, se em suas representações põem a realidade de cabeça para baixo, isto é consequência de seu modo de atividade material limitado e das suas relações sociais limitadas que daí resultam.

Assim sendo, se a consciência dos homens está invertida é porque seu modo de vida material lhe impõe limites. O modo de produção capitalista, criação social dos próprios homens, que a tudo transforma em mercadoria, roubou destes a condição de criador, transformando-os em criaturas, desumanizou-os e deu-lhes também formato de mercadoria, expropriando-lhes a condição humana, a capacidade de dar respostas para tornar-se livre.

#### 4 | À GUIA DE CONCLUSÃO

O estudo aqui empreendido esforçou-se em ampliar o debate acerca da análise onto-histórica das categorias ideologia e consciência de classe. A reflexão resultante nos faz pensar que a “fina flor” do processo evolutivo, o ser social, transformou-se em presa dos seus próprios grilhões, grilhões que também não reconhece como criação sua. Estranhou-se e perdeu-se na sua pré-história, de onde não consegue sair.

A saída do labirinto parece-nos estar na articulação entre os elementos necessários da subjetividade e da objetividade que o rodeia. Lembrando mais uma vez as sábias palavras de Marx (1999, p. 57), para quem os elementos materiais de uma subversão total compõem-se, de um lado, “[...] pelas forças produtivas existentes e, de outro, a formação de uma massa revolucionária que se revolte, não só contra as condições particulares da sociedade existente até então, mas também contra a própria produção da vida’ vigente, [...] sobre a qual se baseia.”.

Portanto, nossos esforços até o momento, têm nos revelado que a articulação entre os elementos necessários da subjetividade e da objetividade que nos rodeia faz-se cada vez mais imprescindível para a formação da consciência de classe dos(as) trabalhadores(as), considerando seu potencial revolucionário na luta pela construção de uma sociedade verdadeiramente emancipada.

## REFERÊNCIAS

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.

LESSA, Sérgio. *A ontologia do ser social*. Maceió: EDUFAL, 1996.

LOWY, Michael. **Ideologia e ciência social**. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 1987.

MARX, K. e ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. 11ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1999.

MÉSZÁROS, István. **Filosofia, ideologia e ciência social: ensaios de negação e afirmação**. São Paulo: Editora Ensaio, 1993.

VAISMAN, Ester. **A ideologia e sua determinação ontológica**. Revista Ensaio 17/18, São Paulo, p. 399-444, 1989.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-064-3

